

**O “PRINCIPIO DA DUPLA DIFERENÇA” NAS PRÁTICAS DE LEITURA E A
ANÁLISE AUTOMÁTICA DO DISCURSO:
DIVISÕES DO E NO TRABALHO INTELECTUAL**

Rosângela MORELLO

Laboratório de Estudos Urbanos

Universidade Estadual de Campinas

Tomar a Análise Automática do Discurso - texto que funda a proposta teórica de *Análise do Discurso* de Michel Pêcheux na França dos anos 1960 - como *objeto* de leitura para a produção dessa minha escrita produz muitas questões. Entre elas, ressoam de modo insistente e inevitável as que Pêcheux desencadeia quando retorna sobre o próprio gesto de ler para nele instalar o **princípio da dupla diferença**. Princípio que, conforme o autor, fundamenta uma prática de leitura polêmica. O confronto com esse princípio e as questões que suscitam me tocam diretamente, e me obrigam a um recuo teórico que me faz retornar sobre as práticas de produção de conhecimento no Brasil, as leituras que engendram e sustentam, e as presenças e ausências que nelas se mostram. Reflexões que textualizo a seguir, seguindo o batimento de embates cuja presença se tornou incontornável. Prossigo.

É na conclusão provisória do **Análise Automática do Discurso** que Pêcheux discute as perspectivas e as dificuldades de aplicação de sua proposta, e explicita aquilo que, para ele, foi o móvel de sua empreitada, a saber: realizar as condições de uma prática de leitura fundada no “**princípio da dupla diferença**”.

De acordo com o autor, no trabalho de elaboração da Análise Automática do Discurso, explicitou-se que

“o confronto regulado de superfícies discursivas que derivam de um mesmo estado (Γx) das condições de produção permitia esclarecer as diferenças internas através das quais se manifesta o invariante do discurso x , que chamamos o processo de produção Δx . Obtemos

por este meio uma representação dos efeitos semânticos presentes em Δx .

Mas o que dissemos precedentemente a propósito dos “discursos implícitos” aos quais se refere uma dada superfície discursiva nos convida a pensar que as diferenças externas entre Δx e um ou vários outros processos Δy , Δz , ... que constituem o exterior específico de Δx devem igualmente ser tomados em consideração: em outros termos, pensamos que um processo se caracteriza não somente pelos efeitos semânticos que nele se encontram realizados – o que é dito no discurso x – mas também pela ausência de um certo número de efeitos que estão presentes “além”, precisamente naquilo que chamamos o exterior específico do Δx . Isto supõe que não podemos definir a ausência de um efeito de sentido senão como ausência específica daquilo que está presente em outro lugar: o “não-dito”, o implícito característico de um Δx é, pois, representado pela distorção que induz em Δx seu confronto com Δy , Δz , ... que se tornam assim a causa real das ausências próprias a Δx . Por exemplo, os “erros”, os “esquecimentos” próprios ao discurso de uma ciência em um estado dado não são visíveis senão em relação ao discurso que vem corrigi-lo” (PÊCHEUX, 1969, pág. 149).

Nessa retomada, Pêcheux atesta, marcadamente, a relevância dos procedimentos teórico-metodológicos que fundam a perspectiva da Teoria da Análise do Discurso.

Para os objetivos desse texto, importa notar que, passando por textos e teorias das épocas, Pêcheux deles destaca suas invariantes internas para formular aquelas que, para sua análise, neles se encontram ausentes. Assim, por exemplo, no circuito da comunicação de Jakobson, Pêcheux designa a necessidade de considerar as projeções imaginárias e as relações de força e de sentidos. Sendo *discurso* o efeito de sentidos que aí se produz. São projeções e relações que, de acordo com Pêcheux, se realizam em função de condições de produção (imediatas e históricas) que funcionam como um princípio de seleção e combinação que, associado à materialidade lingüística, resulta em processo discursivo. Com essa tomada de posição teórica, o objeto discurso se engendra como processo e se desprega da superfície lingüística.

Atingir as estruturas “profundas” que dizem respeito aos processos discursivos configura, então, o mote específico da Análise do Discurso enquanto Teoria da Variação Regulada dessas estruturas. Metodologicamente, o *efeito metafórico* conduz à confrontação das formas variantes da superfície lingüística, deixando em evidência relações de pertinência e dominância entre os processos.

É justamente no vão entre invariantes presentes que se enunciam ausências. Ao tomá-las em conta, ao final do trabalho, Pêcheux enuncia também, e portanto, uma abertura para questões teóricas que desembocarão na formulação de outras noções fundamentais para a Análise do Discurso: o interdiscurso e o intradiscurso, os efeitos de pré-construído e de sustentação, as formações discursivas, toda a relação entre o pensamento e a região do pensado e do impensável, os esquecimentos. E o silêncio. A metáfora e a paráfrase, o dizer, o não-dizer, o implícito, e a questão da memória, entre outras, são regiões de formulações que se densificam e se deslocam quanto entram em relação a essa ausência-presente. Desse outro lado, são muitos os que então se dedicam a elaborar, discutir, expandir essa perspectiva de trabalho. E cada uma das elaborações provocam e deslocam o sentido proposto. Porque se historicizam, são históricas.

Essas considerações, em seu conjunto, designam ao “**princípio da dupla diferença**”, proposto por Pêcheux em 1969, o ponto preciso a partir do qual e sobre o qual é preciso, de meu ponto de vista, perguntar, porque ele me provoca naquilo mesmo que, nesse encontro, intitulado *Michel Pêcheux e Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar*, aceitei fazer, a saber: por no centro/ou no meio de um painel, a empreitada de Michel Pêcheux, a **Análise Automática do Discurso** e produzir um debate.

No entanto, que objeto discursivo é esse que posso enunciar, nessa mesa, como fato a ser debatido?

Seriam as invariantes internas do texto de Pêcheux? Mas aí nada permanece evidente: porque essas invariantes marcam, como o próprio autor ensina, uma *ausência específica daquilo que está presente em outro lugar* . De que ausências, então, falaremos? Seria o caso de entrar no terreno do exterior

específico às formulações de Pêcheux, e assuntar as leituras sobre seu texto? Mas e a exterioridade específica dessas leituras?

Enquanto analista do discurso, se assumo o princípio da dupla diferença proposto por Pêcheux como princípio teórico e metodológico em minha prática de leitura, sei que ele estrutura meus objetos de reflexão (inclusive o trabalho do próprio autor desse princípio, aqui em leitura), mas sei também que esse princípio me espreita, me fazendo tomar minha própria prática de leitura/análise/teoria como fato a ser discutido. Porque ele mostra que essa prática se tece em condições de produção específicas, que então designa invariantes e constrói ausências, evidentemente. Sendo históricas, essas condições são, por isso, o ponto preciso ao qual meu olhar é reconduzido, obrigado a assuntar as regularidades que a constituem em sua historicização no Brasil.

Nesse sentido, um debate e suas formas instalam sentidos. Se me disponho a entrar neles, sendo afetada por eles, o faço perguntando sobre o que neles se diz e segue não-dito, e seus efeitos na prática de produção de conhecimento no Brasil. Problemática que só um evento como esse, que tematiza leituras e debates sobre a obra de Michel Pêcheux, permite instalar. E nisso está certamente seu grande mérito. Sendo um evento¹ de linguagem que instala leituras como objeto de debate, ele significa fortemente essas condições.

Diante desse conjunto de indagações, torna-se inevitável uma busca por compreender que ausências-presentes são essas que dominam, relacionam e metaforizam as condições de produção de leitura da Análise do Discurso enquanto prática de conhecimento no Brasil.

Provocada, portanto, pela própria opacidade e deriva do “objeto dado a ler”, acabo por “saber” que a direção de meu olhar se modifica. E que as questões se dobram no recuo que as provoca, e assim retornam sobre a escrita que as leituras perfazem, instalando o a-ser-lido, e o a-ser-escrito.

E por essa via de reflexão, no encontramos com a possibilidade de problematizar centralmente: que escrita de conhecimento estamos fazendo em

¹ Estou aqui considerando evento como *instalação discursiva*, uma compreensão que sustenta meu trabalho como pesquisadora responsável pela secretaria de eventos do Laboratório de Estudos Urbanos-LABEURB/UNICAMP.

nossas práticas de leitura da Análise do Discurso no Brasil, como analistas do discurso? Se tomamos a análise do discurso como empreitada, e o princípio da dupla diferença como o móvel que a sustenta, como nos relacionamos com essa(s) escrita(s)? E suas leituras? O emprego metodológico do princípio da dupla diferença em nossa leitura permite, portanto, como propõe Pêcheux, “entrar no terreno do implícito cultural, das formas implícitas e explícitas do consenso e da diferenciação, da implicação da resposta fornecida na questão colocada” (idem).

De fato, a(s) escrita(s) da autoria(s) no Brasil são, por essas e outras razões, os espaços de reflexão que mais fortemente me interpelam, e que parametram minhas pesquisas desde o trabalho no doutorado. Ao trazê-los para cá, para esse debate, o faço com o intuito de colocar em discussão o fato mesmo de nos colocarmos aqui potencialmente na posição discursiva de leitores da obra de Pêcheux. Esse fato não deixa de produzir um deslocamento, em direção a uma ausência-presente, de questões que se forjaram desde que sua teoria se alastrou nessa nossa terra, aqui se formulando em relações de oposição, alianças e não-ditos específicas, e que nos é dado questionar ao pensar a configuração da posição de uma escrita de autoria na produção de conhecimento no Brasil.

Nessa direção, é fundamental trazer para a reflexão nossas práticas de leituras e escritas, considerando, por exemplo, que sentidos um evento como esse, que se estrutura por meio de leituras da obra de Pêcheux, estabiliza sobre e para essas práticas. Mantendo essa perspectiva de análise, o encontro tal como ele se realizou deixa entrever, como um sintoma, o fato de se ter diluído o espaço de debate em prol de múltiplas formulações de leituras dos textos do autor, lidas em paralelos. E se nos perguntamos sobre esse sintoma, é porque, de meu ponto de vista, a proposta de retorno ao (um) texto desenha um trajeto para os sentidos cujo mecanismo de legitimação coloca em risco o que dele se desvia. Quer dizer, a direção dos sentidos propostos nas leituras fica contida num mecanismo discursivo estruturado numa espécie de retomadas parafrásticas do texto que as engendrou, podendo derivar, por necessidade interpretativa, para algumas conexões e aberturas com o que nele está ausente. A via principal do debate que caracteriza o trabalho intelectual se preenche, por meio desse mecanismo, de

gestos leitura que acabam por se esgotarem num espaço de comentário do(s) texto(s).

A questão é que, do ponto de vista da análise aqui assumido, se evidencia nesse arranjo uma divisão de fundo, que significa fortemente os modos de produção de conhecimento no Brasil, porque o comentário se configura como uma discursividade (Cf. Morello 2001) que estabiliza historicamente sentidos sobre os modos de conhecimento, pensamento e subjetividade do brasileiro. E afetam a escrita da autoria. São sentidos constituídos num jogo que opõe e recobre espaços de produção de conhecimento centrais, concentradores de recursos e de instrumentos, assentados sobre o imaginário da tradição civilizatória e erudita, e os periféricos que aplicam, testam, comentam, assentados sobre o imaginário da cultura criativa (Morello, 2001). Essa divisão organiza e divide o trabalho intelectual em diferentes instâncias e territórios. A eficácia desse jogo está em funcionarmos em suas evidências. E o encontro com essas evidências analisadas discursivamente pode bem fazer-nos estranhá-las e então retornar sobre o dito, posto, dado para assuntar o “ausente”, abrindo fissuras. Outros sentidos. Debates.

Bibliografia

- Morello, Rosângela: *A Língua Portuguesa pelo Brasil: Diferença e Autoria*. Tese de Doutorado, Departamento de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 2001.
- Pechêux, Michel: “Análise Automática do Discurso”, em: *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas/SP, Editora da Unicamp 1969.